

Bairro da Mouraria, território de diversidade: entre a tradição e o cosmopolitismo

Maria Manuela Mendes¹

Instituto Universitário de Lisboa e Universidade Técnica de Lisboa

Resumo: Este texto tem por base uma pesquisa mais ampla cuja temática central se desenvolve em torno das culturas de convivência e super diversidade, assentando a sua matriz concetual nas propostas teóricas desenvolvidas por P. Gilroy e S. Vertovec. Neste lugar, procura-se discutir alguns resultados preliminares derivados de uma pesquisa de terreno realizada no Bairro da Mouraria, em Lisboa. A Mouraria, ao localizar-se no casco antigo da cidade de Lisboa, parece configurar-se, cada vez mais, como um “urban ethnic place”, sendo de evidenciar algumas disjunções que irão aqui ser alvo de análise e que têm marcado os discursos e as políticas em torno deste território: bairro típico e histórico *versus* bairro cosmopolita; bairro exótico *versus* bairro difamado; bairro dos imigrantes e dos estrangeiros *versus* bairro dos autóctones. Esta contribuição pretende, precisamente, problematizar as principais transformações em curso neste bairro lisboeta e avançar com algumas linhas de pesquisa e interpretação que contribuam para uma reflexão em torno dos processos de construção social de imagens públicas sobre a Mouraria.

Palavras-chave: Super diversidade; Bairro da Mouraria; Culturas de convivência; Multiculturalismo.

¹ Doutora em Ciências Sociais; investigadora no Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Instituto Universitário de Lisboa (CIES-IUL) e Professora Auxiliar na Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa (FA-UTL) (Lisboa, Portugal). *E-mail:* mamendes@fa.utl.pt

1. Notas preliminares

Este texto tem por base uma pesquisa mais ampla e que ainda está em curso, cuja temática central se desenvolve em torno das culturas de convivência e super diversidade, assentando a sua matriz concetual nas propostas teóricas desenvolvidas por P. Gilroy (2004) e S. Vertovec (2004, 2007a, 2007b). Neste lugar, procura-se discutir alguns dos resultados preliminares derivados da pesquisa de terreno realizada no Bairro da Mouraria, em Lisboa, e que tem por base a utilização de material empírico resultante da mobilização de uma estratégia metodológica de pendor predominantemente qualitativo, centrada na observação de espaços e eventos públicos, entre 2010 e 2011.

Esta contribuição pretende, precisamente, problematizar as principais transformações em curso neste bairro lisboeta e avançar com algumas linhas de pesquisa e interpretação que contribuam para uma reflexão em torno dos processos de construção social de imagens públicas sobre a Mouraria e que têm orientado algumas das práticas e políticas de intervenção sócio-territorial neste bairro.

Partindo da questão central de que estamos perante um território marcado pela super diversidade, importa perceber até que ponto coexistem ou conflituam diferentes práticas, perceções e significados do bairro partilhadas por atores sociais (moradores, visitantes, trabalhadores e empresários) e atores socioinstitucionais (ONG'S, Igrejas, associações, projetos de intervenção, serviços públicos locais e municipais). Um dos principais objetivos passa, justamente, por conhecer as relações de convivência cultural num espaço onde as migrações e a diversidade fazem parte da vida quotidiana, assumindo, até, um carácter quase banal.

A exposição articula-se em duas partes: a primeira eminentemente teórica, que equaciona os principais instrumentos conceptuais e metodológicos; a segunda dá conta dos resultados preliminares do estudo propriamente dito, encerrando com questões de reflexão, que são uma contribuição para o debate sobre as mudanças em curso nesta zona de Lisboa.

2. Conceitos de partida

Neste contexto de análise, tomámos como referência teórica primeira os contributos de dois autores: Paul Gilroy e Steven Vertovec, convocando como pontos de ancoragem dois conceitos-chave: *conviviality* (Gilroy, 2004), por nós traduzido por “culturas de convivência” e *super-diversity* (Vertovec, 2004, 2007a, 2007b) ou “super diversidade”. O potencial teórico do primeiro conceito reside na virtualidade de este enquadrar os processos de coabitação e de interação que fazem com que o multiculturalismo seja uma característica comum e banal da vida social dos centros urbanos, principalmente da Grã-Bretanha, mas também de outras cidades pós-coloniais. As “culturas de convivência” representariam, assim, uma nova dimensão cosmopolita da cultura europeia, configurando-se como uma “abertura radical” perante o seu passado colonial e face ao presente pós-colonial (Gilroy, 2004).

O palco de discussão envolve as várias faces que pode assumir a retórica do multiculturalismo. Contudo não é aqui o lugar para tratar, detalhada e criticamente, este conceito, interessando-nos, sobretudo, relembrar o seu carácter operacional, importante na constatação empírica da coexistência de culturas. Ao referenciarmos este conceito ao espaço, este assume uma outra amplitude, enquanto justaposição espacial de pessoas com distintos sistemas culturais que, consciente ou inconscientemente, podem, segundo Steinberger (1997), construir ou reconstruir um território comum e produzir uma cultura única ou, eventualmente, uma nova identidade multicultural.

O multiculturalismo surge, por vezes, como um equivalente da diversidade. A ideologia da diversidade assenta na objetivação do Outro, tendendo-se a sobrevalorizar e a exagerar as diferenças, verificando-se, frequentemente, que essas diferenças são mais sentidas do que comunicadas e exteriorizadas verbalmente (Essed, 1991: 189-94).

Vertovec contribuiu, de forma incontornável, para o debate crítico em torno do multiculturalismo, procurando superar as limitações associadas à utilização da etnicidade como principal fator explicativo da diversidade. O autor, ao invocar a super diversidade, deseja, em primeiro lugar, sublinhar o facto de, além de haver agora mais pessoas a migrar e de mais lugares, há também novas conjunções significativas e interações entre variáveis que surgiram nos fluxos e nos padrões de imigração para o Reino Unido, a partir da década de 90 (Vertovec, 2007b: 1040). Reportando-se diretamente à situação deste país, Vertovec reconhece que “Diversity is endemic to

Britain, of course” (*Idem*: 1026). Todavia, as variáveis da super diversidade não são novas, nem muitas das suas correlações. Mas esta proposta conceptual tem implicações mais profundas, representando um desafio para os decisores políticos, profissionais e cientistas sociais. O autor aponta a necessidade de se reavaliar conceitos e medidas políticas em torno da diversidade, de forma a ultrapassar uma compreensão etno focal e a adotar uma abordagem multidimensional (incluindo o país de origem, a etnicidade, as línguas, a religião; os canais de migração e o estatuto jurídico; a inserção num dado local; as práticas transnacionais e as respostas geralmente proporcionadas pelas autoridades locais, prestadores de serviços e moradores locais). A análise da confluência destes fatores levará a uma melhor compreensão da composição altamente diferenciada, da localização social e das trajetórias dos vários grupos migrantes, nos dias de hoje (Vertovec, 2007a: 970).

No contexto da presente pesquisa, a operacionalização destes conceitos remete-nos, diretamente, para o *design* da pesquisa empírica de feição predominantemente qualitativa, sendo que um dos principais objetivos consistiu em identificar, descrever e analisar contextos de super diversidade e de convivência cultural em espaços onde as migrações e a diversidade fazem parte da vida quotidiana, assumindo um caráter quase banal, procurando-se, assim, apreender gramáticas de identidade e de alteridade numa perspetiva multidimensional sobre a diversidade. Os procedimentos metodológicos adotados procuraram, ainda, descortinar junto de residentes, empresários, trabalhadores e agentes socioinstitucionais com intervenção próxima e quotidiana nos contextos selecionados, os plurais significados e as imagens construídas em torno dos contextos de super diversidade.

A escolha dos contextos de estudo foi antecedida por visitas exploratórias a várias áreas da Área Metropolitana de Lisboa (AML), a associações e instituições com intervenção micro local, bem como, por uma análise documental e mapeamento da presença de imigrantes, ONG's, eventos interculturais e projetos relevantes no território da AML, tendo a escolha recaído no bairro da Mouraria, no concelho de Lisboa, e o Cacém, no concelho de Sintra. O trabalho de terreno organiza-se em torno de 3 linhas de análise: i) as etnografias centradas em espaços públicos enquanto palcos de convivência cultural, em que as relações sociais são captadas no fluir do dia a dia (Simmel e Benjamin); ii) as etnografias nas escolas com uma presença significativa de

alunos de origem imigrante; e iii) o mapeamento dos principais eventos interculturais, tais como o *Festival Todos, Caminhada de Culturas na Mouraria*² e o *Dia Municipal do Imigrante* em Sintra.

3. Lisboa e Mouraria: territórios de diversidade

Os resultados que, aqui, se apresentam têm como referência fundamental o Bairro da Mouraria, que, juntamente com outros bairros pertence ao grupo dos Bairros Históricos e Conjuntos Urbanos que imprimem uma identidade particular a Lisboa, sendo-lhe atribuído um posicionamento único no contexto desta cidade. Este bairro é evocado em alguns documentos produzidos, recentemente, por organismos e serviços estatais como sendo uma “marca”, assumindo o “espírito do lugar”, o que torna este bairro e a cidade de Lisboa como competitiva ao nível das redes de cidades do mundo, no mercado do turismo, em geral, e do turismo de cidades, em particular (UP Mouraria, 2010: 3). As suas origens no fundo dos tempos como arrabalde árabe ou “Mouro” fazem parte da história da própria cidade de Lisboa, enquanto a “diversidade cultural” associada à presença mais recente de imigrantes neste local é encarada como um fator-chave de competitividade entre cidades. Num sentido mais amplo, a Lisboa da diversidade faz sobressair a multiplicidade de origens, tanto de pessoas como de produtos e/ou serviços culturais, em presença na cidade (Carvalho, 2006: 92) e, mais concretamente, o Centro Comercial da Mouraria “representa um centro de actividade cosmopolita sem paralelo” (*Agenda CML*, Abr. 2004: 6 *cit. in* Carvalho, 2006: 93), constituindo “um mercado animado e um *melting pot* multiétnico” (*Time Out*, 2001: 166, *cit. in* Carvalho, 2006: 93).

A partir da análise documental efetuada, evidencia-se o apelo ao cosmopolitismo que coexiste e até se concilia com a imagem de Lisboa enquanto cidade de bairros – populares, pitorescos e típicos – persistentemente produzida, ao longo deste século

² Realizou-se, em 2011, a terceira edição do *Todos, Caminhada de Culturas*, constituindo-se num “festival, que se quer de bairro e em simultâneo que atravesse mundos e culturas unidas pelo anel das artes. Para este Todos, trabalhámos na procura de uma participação mais intensa, não só de moradores do bairro, como também de outros cidadãos, habitantes de outras zonas de Lisboa, para serem parte integrante do festival.” (Câmara Municipal de Lisboa / Gabinete Lisboa Encruzilhada de Mundos e da Academia de Produtores Culturais – GLEM, 2011). Ver <http://todoscaminhadadeculturas.blogspot.com/>.

(Costa e Cordeiro, 1999: 58). Os bairros populares constituem-se em representações que integram a própria realidade social da cidade de Lisboa, configurando-se como um dos seus bens patrimoniais mais preciosos (*Idem*: 59).

Esta diversidade étnico-cultural nas cidades (as *super diverse cities*), nomeadamente o seu carácter cosmopolita, marca estes lugares étnicos urbanos com uma certa herança cultural e de vida de comunidade (Lin, 2011), o que, segundo Sharon Zukin (1995), tem impactos significativos e positivos (Gruner-Domic, 2011). Mas a diversidade também pode ser encarada como uma ameaça à coesão social e territorial em algumas zonas de cidade compostas por uma coexistência multiétnica, mas, ao invés, este atributo pode também ser capitalizado em campanhas de *marketing* urbano, associadas a estilos de vida cosmopolitas, apelando ao consumo de produtos e serviços dotados de uma certa autenticidade. No fundo, procura-se moldar o imaginário urbano e criar um entusiasmo em torno de paisagens interessantes que têm algum potencial para atrair turistas e visitantes (Rath *in* Vertovec & Wessendorf, 2004: 8). A partir da década de 80, as cidades passaram a estar menos interessadas em políticas de redistribuição e de criação de riqueza (atração de investimentos, de negócios e de mão de obra qualificada), para passarem a estar mais preocupadas com a competição por uma imagem de marca que as singulariza e a torna num lugar distinto e distintivo (Ilmonen, 2007 *cit. in* Tiano, 2010).

Na mesma linha de ideias, é possível colocar a seguinte interrogação: será que Lisboa e, mais concretamente, a Mouraria podem ser configuradas como etnopaisagem? Para Appadurai (2000), a *ethnoscape* é uma das dimensões dos fluxos culturais globais, sendo concebida como a paisagem de pessoas que configuram as mudanças no mundo em que elas vivem: turistas, imigrantes, refugiados, exilados, “trabalhadores convidados” e outros indivíduos e grupos marcados pela mobilidade, o que constitui o principal traço do mundo, parecendo afetar as relações políticas entre nações, como até então não tinha acontecido (Appadurai, 2000: 33). No fundo, o autor concebe a identidade étnica como maleável e fragmentada, sendo que as ideias de lugar e de comunidade passam a dar lugar a cartografias alternativas. O sufixo *scape* deixa antever uma certa fluidez, bem como as formas irregulares das paisagens, as diferentes perspetivas situacionais, os diferentes atores, tais como o Estado-nação, as

multinacionais, as comunidades diaspóricas e os grupos e movimentos sub-nacionais. Tudo isto é potenciado pela evolução das tecnologias e das telecomunicações, correlativamente a redução do tempo e do custo das viagens têm ampliado o transnacionalismo entre as comunidades migrantes em todo o mundo (Vertovec, 2004).

4. Bairro da Mouraria: algumas disjunções

Ainda que o bairro seja uma noção fluída e difusa, afigurando-se ora como um conjunto, ora como parte de algo compartilhado, ou ainda um segmento de uma cidade com uma fisionomia própria e dotada de uma certa unidade, configurando-se assim como uma singularidade e fragmento (Clavel, 2004: 73), o bairro pode também ser considerado como uma noção ideológica (Lefebvre, 1967 *cit. in* Clavel, 2003: 74-75), representando um ideal de vida comunitária enquanto quadro natural da vida social à escala humana. Costa e Cordeiro (1999) concedem que os bairros “são lugares reais e imaginados, intrinsecamente articulados com outras unidades sociais: desde os pequenos nós de interacção vicinal, informais, por vezes estruturados em redes discretas, ou polarizados em torno de uma rua, de uma associação ou de uma loja; passando pela freguesia, unidade política e administrativa mais ampla” (Costa e Cordeiro, 1999: 60). Em particular, o bairro da Mouraria apresenta um urbanismo irregular com múltiplas esquinas, becos e ruas estreitas e sinuosas, com uma certa compacidade do espaço construído, sendo de difícil delimitação, integrando, por um lado, a totalidade dos territórios das freguesias de São Cristóvão e São Lourenço e do Socorro, sendo, por outro, composto por áreas de fronteira, abrangendo parte das freguesias da Graça, dos Anjos e de Santa Justa.

A intensa atividade comercial que caracteriza o bairro tem uma forte componente étnica, que remonta aos grupos pioneiros de migrantes de origem indiana que se estabeleceram na área, entre 1976-1980, aos quais se seguiram outros grupos migrantes, sendo este um espaço de confluência de pessoas e de grupos sociais heterogéneos.

Os discursos e as políticas que se focalizam neste território parecem confluir em torno de algumas disjunções (Appadurai, 1990) que se interseitam e que aqui serão alvo de ilustração: i) bairro dos imigrantes e dos estrangeiros *versus* bairro dos autóctones; ii) bairro típico e histórico *versus* bairro cosmopolita; iii) bairro exótico *versus* bairro

difamado, deixando antever a confluência, neste lugar, de múltiplos fatores de diversidade.

4.1. Mouraria: “encruzilhada de mundos”³ – imigrantes e autóctones

Neste lugar coexiste uma certa diversidade de estatutos e de práticas entre usuários, trabalhadores e residentes, sejam moradores antigos, autóctones (“os filhos do bairro”), sejam novos moradores, migrantes e imigrantes. Marluce Menezes (2003), no estudo que efetuou sobre o bairro da Mouraria, entre 1997 e 2001, salienta a presença de duas redes de sociabilidade e de vizinhança local: a rede de vizinhança por residência e a rede de vizinhança por trabalho. Na atualidade, esta distinção assume, ainda, alguma pertinência. Com efeito, num estudo realizado recentemente no bairro da Mouraria e Praça do Martim Moniz foi possível constatar a existência de tensões entre os residentes e comerciantes autóctones e residentes e comerciantes de origem estrangeira (Gésero, 2011). Os autóctones entrevistados por esta autora chegam a usar uma linguagem inflamada para descrever o desrespeito face aos horários de recolha do lixo por parte dos residentes imigrantes, bem como os seus comportamentos não higienistas (atirar lixo pela janela, a sujidade, pautando-se pela falta de limpeza no interior dos edifícios e das suas habitações).

As dificuldades de aceitação da alteridade no contexto da convivência quotidiana também se refletem nos planos olfativo e sonoro, evidenciando-se os temperos usados na gastronomia dos diferentes grupos imigrantes, assim como a sonoridade associada às diferentes línguas faladas, situação muitas vezes percebida, pelos autóctones, como uma certa falta de respeito face aos vizinhos portugueses ou, até, como uma atitude de resistência accionada pelos imigrantes (mais atribuída aos chineses) (Gésero, 2011). Uma das técnicas que representa a Unidade de Projecto da Mouraria salienta as barreiras à comunicação entre autóctones e imigrantes:

³ Apropriamo-nos da designação do gabinete (GLEM – Gabinete Lisboa Encruzilhada de Mundos) que tem a seu cargo a organização do *Festival Todos*, uma iniciativa da autarquia lisboeta.

“Enquanto que os indianos, os paquistaneses e do Bangladesh falam inglês e minimamente uma pessoa consegue ir interagindo, os chineses não falam tanto assim e por isso é mais complicado...”

(Unidade de Projecto da Mouraria)

Muito embora os entrevistados de nacionalidade portuguesa revelem dificuldades em compreender e aceitar os imigrantes, não deixam também de evidenciar a inexistência de “problemas” ou de relações conflituosas com os vizinhos imigrantes.

“Ao contrário do que se pretende tentar demonstrar, as pessoas do bairro e os imigrantes ‘estão de costas voltadas’, passo a explicar isto dizendo que não é que sejam hostis ou agressivos, ‘as pessoas podem eventualmente cumprimentar-se, mas não se relacionam, ou quando se relacionam, muitas vezes ouvem-se queixas, como por exemplo em relação aos bangladeshi que deitam o lixo de qualquer das maneiras e tardiamente. Que um vizinho está constantemente a cozinhar caril e é um cheiro imenso no prédio etc. ‘Cada um faz a sua vida e pronto, não há grande amizade’.”

(Associação *Renovar a Mouraria*)

Mas são os autóctones (e mais velhos), os que, na sua maioria, se sentem mais orgulhosos do seu bairro (Fonseca, 2010). As evidências empíricas derivadas de um inquérito realizado a 100 indivíduos de origem imigrante e a 100 nativos, em 2009-2010, residentes na Mouraria e Martim Moniz, apontam a existência de elevados níveis de interação nos espaços públicos (por exemplo, parques) e um número escasso de visitas ao domicílio, independentemente da origem do inquirido (*Idem*). Entre 1991 e 2001, a Mouraria atraiu novos residentes que se fixaram no interior da freguesia de S. Cristóvão, ou seja, cerca de 11% dos seus moradores. Segundo os Censos de 2001, 8,4% do total dos seus residentes eram estrangeiros, sobretudo nacionais dos PALOP (25,3%) e nacionais da Índia, do Paquistão e da China (22,2%), sendo ainda de realçar a presença de famílias clássicas de uma ou duas pessoas (72,4%), principalmente viúvas que vivem sozinhas ou casais idosos (INE, 2001; UP Mouraria, 2010).

O mapeamento dos espaços públicos no bairro, feito durante a pesquisa etnográfica, indica diferentes regimes de ocupação do espaço público e que não se intercetam, bem como a existência de uma sociabilidade segmentada, observando-se um uso mais ostensivo do espaço público por parte dos homens. A este respeito, já Menezes (2003: 212) tinha observado que os homens têm uma presença mais exposta do que as mulheres. A este respeito, relembre-se Bauman (2007: 60 e 133), ao afirmar que a vida urbana é movida por estranhos entre estranhos, existindo diferentes formas de coexistência, desde o existir-ao lado, o existir-com e o existir-para. Dos depoimentos dos entrevistados parece que, na Mouraria, o existir-ao lado é a modalidade mais recorrente, traduzindo-se em contactos fragmentados ou episódicos, envolvendo só uma pequena parte dos múltiplos desejos e interesses do indivíduo. Os vários grupos e universos sócio simbólicos coexistem e vivem lado a lado sem se conhecerem, o que está bem patente neste testemunho:

“a Mouraria é um bairro culturalmente diversificada, existem muitos grupos ... As pessoas não se misturam muito, há desconfiança de uns face aos outros e não querem se misturar.”

(Joana, ex-residente)

No plano das relações comerciais e profissionais, os comerciantes portugueses sublinham a concorrência “desleal” perpetrada pelos comerciantes de origem imigrante, já que estes usufruem de benefícios fiscais, usufruindo de uma fiscalização mais permissiva aos seus estabelecimentos (perceção e sentimento de injustiça). Independentemente das críticas que possam ser aduzidas de parte a parte, o comércio nesta zona de Lisboa atraiu novos consumidores, novos empresários, novos produtos, novos serviços e também novas experiências. Um dos comerciantes de origem estrangeira reafirma as oportunidades que aqui se encontram justapostas:

“Devido ao conhecimento dos restaurantes, gostam da comida. Agora a internet também ajuda bastante, porque tem receitas, conhecem mais os produtos. A comida indiana sempre foi mais gostosa do que a habitual. A gente tem aqui muita variedade também, dos produtos. (...) temos clientes de quase toda a parte de Portugal; temos clientes de Leiria, Setúbal, Porto, até; também temos clientes de

[Vila Nova da] Barquinha, do Alentejo também; mas mais clientes regulares são clientes de Lisboa, distrito de Lisboa.”

(Comerciante nacional do Bangladesh)

A heterogeneidade e as dissemelhanças de representações e de práticas estão bem vincadas neste território, havendo uma sobreposição de territórios, de dinâmicas, de pessoas, de trajetórias e de modos de vida. Há, assim, “várias vozes” que falam do bairro (Menezes, 2003: 127), parecendo existir aqui várias Mourarias, como bem refere uma das técnicas da Unidade de Projecto da Mouraria:

“De resto, tinha uma visão mais abstracta do bairro. E, reconheço que, é um bairro com um microcosmos muito diversos, há muita diversidade aqui. E há núcleos – que eu chamo-lhe os núcleos duros –, o quarteirão da guia, a rua da Mouraria, em que está a igreja e o centro comercial da Mouraria. Aqui para dentro, toda esta zona aqui, onde está a estátua da guitarra portuguesa, em que tem a rua do Capelão, este é o miolo da zona mais tradicional da Mouraria, que engloba o grupo social mais popular, ligeiramente envelhecido – digo ligeiramente – mas é um núcleo popular tradicional que vem da sedimentação da emigração de fins de XIX, princípios de XX, que é ligeiramente afim à população de Alfama, que também tem, grosso modo, os mesmos tipos de traço, que é população de origem rural, que veio para Lisboa, como digo, alguns da emigração, uma mistura de operariado influenciado de inícios do século XX, e malandra [risos]!”

(Unidade de Projecto da Mouraria)

4.2. *Existir ao lado: a religião na Mouraria*⁴

O modelo “existir ao lado” é a modalidade mais recorrente no âmbito religioso. A segmentação observada noutros âmbitos já referidos é, sem dúvida, a norma. Num espaço relativamente pequeno convivem grupos diversos e práticas religiosas também

⁴ Esta componente sobre a religião na Mouraria foi escrita por Clara Saraiva, investigadora do IICT e do CRIA-FCSH, no âmbito do Projeto “Culturas de convivência e super diversidade”, CIES-ISCTE, com a participação do LDEI e do IICT e financiado pela FCT.

elas diversas e a segmentação religiosa segue as linhas de força constatadas, de uma forma geral, no bairro.

O marco primordial religioso vigente, ao longo de séculos, é o católico, não esquecendo, no entanto, as anteriores raízes muçulmanas, datadas da ocupação moura do bairro. São, assim, também portadores destas marcas, os templos religiosos existentes no bairro. A população autóctone e mais envelhecida é praticante da religião católica e defende, com orgulho, as igrejas existentes pelo bairro, pertencentes a várias freguesias (correspondentes às antigas paróquias), desde a pequena Capela das Olarias até à igreja do Colezinho, a igreja de Nossa Senhora do Socorro e a igreja de São Lourenço. Os próprios templos são testemunha das várias camadas históricas que existiram na Mouraria, ao longo dos séculos. Por exemplo, no local onde se encontra, atualmente, a igreja de São Cristóvão havia antes uma mesquita moçárabe.

A Mouraria é famosa pela sua festa da Nossa Senhora da Saúde, uma festa anterior ao século XV e imortalizada nas canções de Alfredo Marceneiro, continuando a ser, ainda hoje, o marco público mais importante da manifestação da religião católica. Complementarmente, e como é conhecido na Europa do Sul, a chamada religiosidade popular (Sanchis, 1985), aliada a uma revitalização de rituais antigos (Boissevain, 1992) tem um papel primordial. De acordo com o pároco local:

“Muitas vezes as acções e práticas religiosas não correspondem à fé que as pessoas têm; há muita superstição, muitas crenças nas almas penadas, nos espíritos...Eu sinto que funciono um pouco como um xamã, no interior da comunidade que se diz católica...”

A xenofobia e o isolamento étnico constatados noutros planos são bem visíveis no plano religioso, bem como uma segmentação existente mesmo entre a própria população autóctone e, supostamente, católica:

“Há muito bairrismo e rivalidades. Por exemplo, há uma rivalidade grande entre quem frequenta a Capela das Olarias e a Igreja do Socorro. Quem vai à Capela das Olarias não deixa que essa missa seja aglomerada com a de outra igreja, mas

depois faltam às celebrações...E as pessoas não falam com pessoas das outras religiões nem conversam sobre as outras religiões. E se falam, é para dizer mal...”

Os muçulmanos são um dos alvos comuns das críticas. Os Paquistaneses e os Bangladeshanos frequentam as duas mesquitas locais existentes no bairro, onde executam as suas orações diárias. A frequência das mesquitas é alvo de críticas pela população portuguesa, que se queixa do barulho que os homens fazem quando se juntam do lado de fora da mesquita, no final dos rituais e orações, sobretudo na altura do Ramadão, tal como um elemento da associação *Renovar a Mouraria* explicita:

“No Ramadão, como há cerimónias à noite e há o quebra jejum, as pessoas queixam-se do barulho nas ruas. Mas não há assim tanto barulho... estas reclamações têm sobretudo a ver com alguma xenofobia dos portugueses e católicos.”

Outro grupo alvo de criticismos é o dos neo pentecostais, as novas igrejas evangélicas dirigidas por brasileiros, que, apesar da sua matriz cristã, não são consideradas como tal pela população católica. Existem duas igrejas evangélicas no bairro, frequentadas sobretudo por brasileiros aqui residentes, mas sobretudo por pessoas exteriores ao mesmo.

Parte da população chinesa frequentava a Igreja Evangélica chinesa, ligada à expansão do protestantismo clássico em determinadas regiões da China, nos inícios do século XX, e que foi trazida junto com os imigrantes chineses na sua expansão para a Europa, em geral, e Portugal, em particular. Para além disso, os cultos religiosos chineses, à semelhança do que acontece na China e na diáspora chinesa pelo mundo, estão, essencialmente, relacionados com o culto dos antepassados e com os altares e as práticas religiosas familiares que têm, sobretudo, lugar nas casas de cada unidade doméstica (Chau, 2005).

A população hindu, minoritária, não tem templos públicos no bairro e desloca-se a outras zonas da cidade para as suas práticas religiosas.

4.3. Bairro típico vs. bairro cosmopolita

Uma outra forma de categorizar de forma naturalizada este território considera o bairro da Mouraria como típico e boémio, dotado de tradições populares, como o Fado, as marchas, as festas populares e procissões (St. António e Nossa Senhora da Saúde), carregado de um certo bairrismo, de mitos fundacionais, como, por exemplo, o do Martim Moniz e o da Severa. A união e o envolvimento dos residentes em manifestações de cultura popular não deixam de ser evidenciados pelos técnicos que intervêm nos serviços e projetos de intervenção local.

“A Mouraria tem um momento forte em que a população residente se envolve bastante, que é o da Procissão. Eles fazem uma vigília, que é uma vigília da noite e vi as pessoas da velhinha Mouraria a abrirem as janelas e a porem as colchas e depois na procissão a estarem e é uma manifestação popular.”

(Unidade de Projecto da Mouraria)

A valorização do Fado e a evocação de alguns dos seus cantores mais famosos que aqui já residiram (Severa⁵, Argentina Santos, Mariza e Fernando Maurício) é uma estratégia no sentido de dar visibilidade às marcas identitárias do bairro da Mouraria, da sua história e dos seus habitantes. O “Programa de Acção”⁶ (no âmbito do Quadro Estratégico de Referência Nacional), a decorrer na Mouraria, prevê a implementação do Sítio do Fado na Casa da Severa, com efeitos previsíveis no turismo e na dinamização económica do local, supõe-se que esta ação tenha consequências positivas na revitalização do tecido económico e social do bairro (UPM, 2010). Estes elementos patentes na paisagem mental da Mouraria estão bem patenteados no discurso dos técnicos que intervêm neste local.

⁵ A mítica primeira intérprete do fado (Brito, 1999: 33), sendo que o fado foi identificado, em Lisboa, na pessoa desta mulher.

⁶ Este Programa de Ação da Mouraria responde, assim, quer à proposta de valorização da diversidade dos territórios definida no PNPOT (Plano Nacional de Planeamento e Ordenamento do Território), para reforço do modelo territorial, quer mais concretamente a um dos objetivos políticos do Plano Regional de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa (PROTAML): a promoção da qualificação urbana, nomeadamente das áreas urbanas degradadas ou socialmente deprimidas, bem como das áreas periféricas ou suburbanas e dos centros históricos. No que se refere à intervenção neste bairro histórico, a opção foi pela reabilitação dos edifícios, pelo tratamento cuidado dos espaços públicos e pela promoção da participação cívica – reforço de coletividades e associações culturais.

“Os malandros da Mouraria, digamos, o fadista malandro que foi alvo de muitos estereótipos; eu tenho andado a ler, por outras razões, as descrições em guias turísticos, e o fadista da Mouraria de fins de XIX princípios de XX descrito para estrangeiros é absolutamente delicioso! Mas pronto, é o malandro, do gamanço - isto é o estereótipo, não quer dizer que sejam ladrões! –, mas digamos que é nesse núcleo que está essa população que tem um índice de pobreza relativo, com algumas fragilidades sociais e que se prolonga para aqui para a rua da Amendoeira, que é também outra vez um bocadinho de um tecido urbano antigo. Neste núcleo aqui, são relativamente fechados do ponto de vista urbanístico, que agrega esse tecido que gosta de fado. Depois gostar de fado estende-se numa extensão maior, mas digamos que aí vive o núcleo mais bairrista, no sentido do bairrismo lisboeta dos bairros populares. Depois, é assim, a zona de S. Cristovão já é uma zona que dilui mais esta dimensão popular e bairrista e malandra destes sítios e já tem uma população mais estruturada, economicamente mais favorecida, e onde também começa a penetrar a gentrificação que existe em Alfama.”

(Unidade de Projecto da Mouraria)

Esta dimensão da tipicidade não se opõe ao seu carácter cosmopolita, que tem insita a dialética entre as escalas local e global, apelando a novos estilos de vida e a novos modos de consumo cultural e que podem intensificar as oportunidades e as dinâmicas económicas e culturais, apostando, assim, na mercantilização das referências étnico-culturais diferentes e marcadas por algum grau de exotismo. A imagem da Mouraria emerge cada vez mais marcada por um certo hibridismo, associada a uma estratégia de *city marketing* como paisagem urbana idealizada, mas também como paisagem mental manipulada.

Um dos elementos mais evocados é o comércio e o consumo, já no passado, e só na área do Martim Moniz, Bastos (2004) identificou 200 lojas cujo empresário era de origem imigrante; enquanto uma pesquisa de maior amplitude realizada pela Socinova (Inquérito à Diversidade, em 2006) a 457 empresários étnicos localizados em Lisboa⁷, observou que as atividades dominantes eram a gastronomia (40%), o artesanato (15,9%), os cabeleireiros (8,3%), os bares (5,7%), as lojas de alimentos (5,5%) e as

⁷ Concretamente no eixo Almirante Reis e bairros da Mouraria, do Castelo, de Alfama e eixo que liga o Martim Moniz ao Bairro Alto, passando pelo Rossio, Baixa e Chiado.

atividades artísticas (4,4%) (Costa, 2011). Quando questionados sobre as expectativas de crescimento da sua atividade, mais de metade dos entrevistados (52%) afirmaram que esse consumo aumentou e que este se tem vindo a diversificar, incluindo consumidores cada vez mais jovens e mais educados, bem como mais oportunidades económicas (*Idem*).

A Mouraria atraiu, em diferentes temporalidades, comerciantes de distintas origens étnico-nacionais. Desde indo-portugueses, hindus e muçulmanos, que começaram a instalar-se na zona em meados dos anos 70, dedicando-se, principalmente, ao comércio de brinquedos, bijutarias, quinquilharias, mobiliário e à importação-exportação (Malheiros, 1996; Mapril, 2010), nos anos 90 assistiu-se à instalação de guineenses, cabo-verdianos e, mais recentemente, de senegaleses e zairenses (com lojas nas áreas da cosmética, da música, dos produtos alimentares e da restauração), mas também de comerciantes chineses – principalmente provenientes da província de Zhejiang e após a década de 90 (Bastos, 2004; Mapril, 2010). Foi também nesta altura que se registou a fixação dos comerciantes paquistaneses (restauração, bricabraque, audiovisual) e bangladechianos (pronto-a-vestir, restauração, supermercados, bricabraque) (Mapril, 2010: 249).

Um levantamento realizado entre 2000-2002 ao comércio de rua na área de Intervenção da Unidade de Projecto da Mouraria (UPM) confirma as tendências já alinhadas, observando-se que 56,9% do comércio era dinamizado por portugueses, 31,5% por indianos, 4,8% por comerciantes de origem africana, 3,6% por chineses e 2,4% por paquistaneses. O comércio que se desenvolvia no interior dos dois centros comerciais era dominado, quase exclusivamente, pelos chineses (UP Mouraria, 2010: 20; Marluci, 2003). Estes tendem a dedicar-se a um comércio de carácter grossista, constituindo-se nos principais fornecedores de artigos para o comércio ambulante praticado pelos ciganos (em mercados e feiras). Estas relações de convívio profissional entre chineses e ciganos são evidenciadas por um dos entrevistados:

“[Os chineses] Comunicam mais entre si do que propriamente (...) comunicar com os ciganos, talvez seja o grupo com o qual eles interagem mais, mas também é relativamente simples, no negócio. Já fui mais vezes ao Centro Comercial do que

vou agora, mas não me lembro de algum dos ciganos se preocupar em não ser entendido e vice-versa, não me parece.”

(Unidade de Projecto da Mouraria)

Ser comerciante de origem imigrante na Mouraria nem sempre implica a fixação de residência neste local. Recorde-se que a maior parte dos indianos entrevistados por Marluci Menezes (2003: 113) com estabelecimentos no eixo Calçada de St. André, Rua dos Cavaleiros, Rua do Benfornoso e Rua da Mouraria, residiam na altura fora de Lisboa, nomeadamente na Portela, em Odivelas e St. António dos Cavaleiros.

4.4. Bairro exótico versus Bairro difamado

Enquanto lugar imbrincado pela alteridade, pela coexistência multiétnica⁸, por novos consumos associados aos “comércios, serviços e produtos étnicos”, este bairro aparece, ainda, um lugar marcado pela insegurança associada à degradação do edificado e dos espaços públicos, à presença de sem-abrigo, da prostituição, de traficantes e usuários de drogas. Recorde-se que a Mouraria carrega um estereótipo sedimentado na história da cidade de Lisboa e de Portugal: o lugar para onde foram aos mouros que não saíram da cidade com a Reconquista Cristã (1170), marcando o início formal da Mouraria, mas também o início da ideia da área como um território estigmatizado, porque o nome representa o espaço físico para alojamento dos mouros, mas também significa, etimologicamente, o vale dos vencidos (Menezes, 2003).

⁸ Lisboa fez a sua adesão à Rede das Cidades Interculturais em 2011. O programa *Rede das Cidades Interculturais* é um projeto conjunto do Conselho da Europa e da Comissão Europeia, criado e executado dentro do contexto do Ano Europeu do Diálogo Intercultural, cujo objetivo é estimular novas ideias e práticas em relação à integração dos imigrantes e das minorias. Esta *Rede de Cidades Interculturais* visa facilitar a orientação mútua e o intercâmbio entre as cidades, sendo as respetivas atividades concebidas de modo a envolver um amplo leque de atores – funcionários municipais, administradores, prestadores de serviços, profissionais e organizações da sociedade civil – no processo de construção de uma visão intercultural e estratégica para os municípios. A *Rede de Cidades Interculturais* pretende, ainda, reforçar as ações das comunidades locais, tirando o máximo partido da sua diversidade cultural, apoiar as cidades no desenvolvimento de estratégias de atuação e ações que ajudem a gerir a diversidade de forma construtiva e inovadora, propondo políticas concretas e métodos que as cidades de toda a Europa possam vir a adotar e a beneficiar (CML, 2011).

Num documento muito recentemente apresentado pela Câmara Municipal de Lisboa – o *Plano de Desenvolvimento comunitário da Mouraria* – esta imagem da Mouraria é reafirmada: “historicamente, um território composto por vulnerabilidades sociais, designadamente, grupos em risco ou em situação de pobreza ou exclusão social, baixos índices de qualidade de vida, alguma insegurança, e níveis de ‘guetização’ territorial acima do comum e desejável, em Lisboa (...) Até final de 2013, a Mouraria será objecto de uma reabilitação urbana, o que constitui uma excelente oportunidade para se proceder a uma ‘revitalização social’ em paralelo” (CML, 2011b: 6).

Já em 2001, Menezes (2003: 204) salienta que, em 101 respondentes, 78,1% referiram que havia locais específicos no bairro marcados por problemas de segurança, subsistindo, no entanto, referências ao passado do bairro como sendo mais seguro. Ainda hoje, a insegurança continua a ser um elemento invariante no discurso produzido por técnicos, comerciantes e residentes entrevistados, geradora de tensões, mas também de estratégias de evitamento e de separação entre residentes e usuários deste território:

“Há um problema complicado no bairro da Mouraria, que tem a ver com tráfico de drogas e há famílias ligadas ao comércio específico e comércio.”

(Unidade de Projecto da Mouraria)

“A área também é perigoso, usuários de drogas... de vez em quando vem a polícia, mas a polícia tem que vir aqui mais vezes, porque aqui é uma zona daquelas coisas.”

(Comerciante nacional do Bangladesh)

Segundo um recente diagnóstico produzido pela Unidade de Projecto da Mouraria, na atualidade, o bairro apresenta um certo estado de desertificação (abandono prolongado dos alojamentos) e degradação do edificado, embora as condições de habitabilidade básica dos alojamentos tenham melhorado (aspeto visível entre os Censos de 1991 e 2001). Em 2001, cerca de 34% do total de alojamentos familiares encontravam-se desocupados. A Mouraria continua a ser um bairro onde o regime de arrendamento é maioritário, embora tivesse crescido a proporção de proprietários,

concentrando uma percentagem razoável de propriedade pública, nomeadamente municipal (UP Mouraria, 2010).

Mas a degradação do *habitat* popular, a sobrelotação, a linguagem arquitetónica e os projetos de intervenção sócio-territorial não têm conseguido evitar a segregação deste território, desde os planos de renovação urbana de 1930/40, que implicaram uma “limpeza e embelezamento” do mal afamado bairro da Mouraria (Menezes, 2003 e 2009: 306), até aos anos 60, com o *Plano de Modernização do Martim Moniz*, que acentuou a marginalização física e social e a desvalorização dos seus terrenos, com continuidade nos anos 80, com o *Plano de Renovação Urbana do Martim Moniz* (com a edificação dos dois *shopping centers*); sendo que, só em 1985, se criou o Gabinete Local da Mouraria (mais tarde Unidade de Projecto do bairro da Mouraria) – com funções ao nível da reabilitação, da revitalização sociocultural e da recuperação do património económico, urbano e arquitetónico. Esta área transformou-se assim em “objecto de renovação urbana” (Costa, Ribeiro, 1989 *in* Menezes, 2009: 308).

Em 2009, surgiu o “Programa de Acção” (no âmbito do Quadro Estratégico de Referência Nacional) e que tem como principal aposta a requalificação do espaço público e do ambiente urbano, o que exige uma intervenção no tecido social da área de intervenção (UPM, 2010).

O Programa de Acção da Mouraria, tem a designação “As Cidades dentro da Cidade”, prevendo, essencialmente, a realização de intervenções arquitetónicas e de requalificação do espaço público e ambiente urbano, em colaboração com as associações locais, tendo como propósito “tornar esta área da cidade mais atractiva, não só para o comércio, serviços, jovens e famílias, mas mais, segura e sustentável para os residentes e turistas” (UPM, 2009: 23).

Neste quadro de mudanças, o novo Gabinete do Presidente da Câmara de Lisboa está já instalado no Largo do Intendente, prevendo-se que o Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural também desloque as suas instalações para esta área. Pese embora o carácter pontual destas iniciativas, estas são percebidas como ações-chave para a mudança.

“O facto do Presidente da Câmara vir simbolicamente viver – viver não, ter o seu gabinete de trabalho ali no Largo no Intendente – também fez com que as coisas corresse um bocadinho mais em feição da Mouraria, o que é ótimo, ainda bem que ele teve essa decisão, e há aqui uma vontade política em intervir nesta zona; e o serviço do município que é responsável pela limpeza urbana está bastante preocupado e tem feito um esforço – e isso é claríssimo para mim! – de 2008 para hoje o grau de lixeira diminuiu consideravelmente e isso, francamente, acho que foi um esforço municipal, agora trata-se um bocadinho de educar as pessoas.”

(Unidade de Projecto da Mouraria)

Da análise dos documentos que fazem parte desta proposta, fica claro que este programa pretende, essencialmente, intervir nos espaços públicos, de modo a promover a segurança e a utilização dos espaços do bairro e da cidade, tentando resolver de forma indireta alguns dos problemas sociais que são assumidos como problemas urbanos (Castells, 1983).

5. Questões em aberto

Em termos conclusivos, dir-se-ia que o conceito super diversidade parece abrir um campo de reflexão bem mais útil e operativo, tendo potencialidades para nortear novas pesquisas. A Mouraria parece configurar-se em referente privilegiado, onde é possível encontrar múltiplos eixos de diferenciação, enquanto lugar de confluência e de coexistência de conjunções e combinações entre variáveis ilustrativas deste complexo *puzzle* social. Na quotidianidade do bairro confluem autóctones, novos imigrantes, imigrantes mais antigos, portadores de uma diversidade de proveniências, com diferentes experiências migratórias, com estatutos e trajetórias de vida diversos, com distintas práticas transnacionais e modalidades de acesso aos serviços públicos e recursos estatais, parecendo existir um certo pluralismo linguístico e religioso, o que também se reflete em diferentes padrões de convivência cultural, exigindo a mobilização de uma perspectiva de análise de carácter multidimensional e interdisciplinar, apelando à inovação teórica (anti essencialista e reificadora), mas também metodológica.

Cientes de que, até agora, mais não fizemos do que aflorar hipóteses e avançar elementos sumariamente explicativos sobre as imagens e significados do bairro partilhadas por atores sociais (moradores, visitantes, trabalhadores e empresários) e atores socioinstitucionais (ONG'S, Igrejas, associações, projetos de intervenção, serviços locais e municipais), importa colocar algumas interrogações reflexivas que são uma contribuição para o debate sobre as mudanças em curso nesta zona de Lisboa.

Surge, desde logo, uma questão estruturante: quais serão os efeitos destes discursos e imagens (naturalizadas) sobre a Mouraria que ainda orientam as recentes opções das políticas urbanas para este território?

Algumas pesquisas realizadas em contexto europeu têm revelado que um desejo de diversidade tem efeitos superficiais, afetando mais o padrão de consumos, com a oferta de novos locais para comer fora, para tomar uma bebida e para sair (Blokland & G. VanEijk, 2010). A fixação de novos residentes de classe média (*mixed social*) com uma predisposição de abertura à diversidade não se traduz, geralmente, em redes sociais mais diversas e intensas. Anne Raulin (2000) assinala, também, que “a necessidade e procura da etnicidade” na sociedade francesa, tem-se traduzido num consumo “superficial” de produtos étnicos, por parte dos membros autóctones das classes média e alta, inclusive por parte daqueles que optam por residir em bairros com um elevado *mix* étnico.

De relembrar, aqui, uma distinção crucial, estabelecida por Bauman (2006), entre mixofobia (o receio de se estar em copresença física com desconhecidos e que provoca afastamento e segregação) e mixofilia (o oposto, isto é, a obtenção de prazer através da experiência de convivência com estranhos). A fusão exigida pela mixofilia só pode resultar da experiência compartilhada, e compartilhar a experiência é inconcebível se, primeiro, não se compartilhar o espaço. Para este autor, o espaço público é a essência do cosmopolitismo e da abertura ao outro, o que exige uma estratégia clara de tornar os espaços públicos mais hospitaleiros, mas tal não poderá fazer esquecer a importância do direito à cidade e à urbanidade por parte de quem já lá reside e é usuário.

Será que a Mouraria poderá conhecer um processo semelhante ao que ocorreu em Belleville, em França, entre meados dos anos 50 e a década de 90 do século passado? Muito embora este lugar tenha sido conhecido como “bastião” das classes

perigosas, aglutinando imigrantes, estrangeiros e operários (Pinson e Bekkar, 1999), os processos de renovação urbana que aí foram desencadeados atraíram os operadores privados e inflacionaram os preços da habitação, colocando sérias dificuldades e implicando, até, processos de rejeição e remoção das classes populares do seu *habitat* tradicional para as periferias e o retorno de artistas, intelectuais, mas também das classes sociais possidentes (Lefebvre, 1991). Algumas pesquisas em curso no Bairro da Mouraria apontam para que se registre aqui uma *gentrification* alternativa envolvendo jovens artistas, *designers*, investigadores... e mais usuários (turistas e visitantes), como refere o estudo do GEITONIES (Fonseca, 2010). A encerrar este artigo permanece, ainda, sem resposta uma questão colocada por um dos entrevistados:

“Como se pode cultivar um bairro intercultural e multicultural, sem incorporar activamente a voz das pessoas que vivem e estão imersos naquele lugar, será que o ‘o Festival Todos é para todos’? Isso parece mais um programa de outros.” (risos)

(Associação Renovar a Mouraria)

Referências bibliográficas

- APPADURAI, Arjun (1990), “Disjuncture and differences in the global cultural economy”, in *Public Culture*, vol. 2 (2), 1-24.
- APPADURAI, Arjun (ed.) (2000), *Modernity at Large: cultural Dimensions of Globalization*, Vol. 1, Minneapolis, University of Minnesota Press.
- BASTOS, Cristiana (2004), “Lisboa, século XXI: uma pós-metrópole nos trânsitos mundiais”, in José Machado Pais e Leila Blass (orgs.), *Tribos Urbanas: Produção Artística e Identidades*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 195-224.
- BAUMAN, Zygmunt (2006), *Confiança e Medo na Cidade*, Lisboa, Relógio d'Água.
- (2007), *A vida fragmentada. Ensaios sobre a moral pós-moderna*, Lisboa, Relógio d'Água.
- BLOKLAND, T. V. & VAN EIJK, G. (2010), “Do people who like diversity practice diversity in neighbourhood life? Neighbourhood use and the social networks of ‘diversity seekers’ in a

mixed neighbourhood in the Netherlands”, in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 36 (2), 313-332.

BOISSEVAIN, Jeremy (1992), *Revitalizing European Rituals*, New York, Routledge.

BRITO, J. Pais de (1999), “O fado: etnografia na cidade”, in G. Velho (org.), *Antropologia Urbana*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp. 24-42.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (2011a), Participação no projecto “Rede das Cidades Interculturais”, in *Proposta n.º 237 / 2011*.

– (2011b), *Plano de Desenvolvimento comunitário da Mouraria – relatório final*, Documento para debate, 28 de Abril de 2011.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA / GABINETE LISBOA ENCRUZILHADA DE MUNDOS E DA ACADEMIA DE PRODUTORES CULTURAIS – GLEM (2011), *Festival Todos – Caminhada de Culturas*. [Consult. em 28 Dez. 2011]. Disponível em: <http://todoscaminhadadeculturas.blogspot.com/>.

CARVALHO, Francisco Avelino (2006), “O lugar dos negros na imagem de Lisboa”, in *Sociologia Problemas e Práticas*, n.º 52, 87-108.

CASTELLS, Manuel (1983), *A Questão Urbana*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

CHAU, Adam Yuet (2005), “The politics of legitimation and the revival of popular religion in Shaanbei, North-central China”, in *Modern China*, vol. 31, n.º 2, 236-278.

CLAVEL, Maitë (2004), *Sociologie de l'urbain*, Paris, Anthropos.

COSTA, António Firmino da & CORDEIRO, Graça Índias (1999), “Bairros: contexto e intersecção”, in G. Velho (org.), *Antropologia Urbana*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, pp. 58-79.

COSTA, Francisco Lima (2011), “Globalização, diversidade e ‘novas’ classes criativas: a emergência de um sistema de produção etnocultural em Lisboa”, in *Sociologia Problemas e Práticas*, 67, 85-106.

ESSED, Philomena (1991), *Understanding everyday racism: an interdisciplinary theory*, Newbury Park, Sage Publications.

FONSECA, Maria Lucinda (coord.) (2010), *City survey report: Lisbon. Executive Summary*, Lisboa, IGOT-UL.

GÉSERO, Maria Paula (2011), *Configuração da Paisagem Urbana pelos grupos Imigrantes. O Martim Moniz na Migrantscape de Lisboa*, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura FAUTL 2010-2011, Vol. 1.

GILROY, Paul (2004), *After empire: melancholia or convivial culture?*, London, New York, Routledge.

GRUNER-DOMIC, Sandra (2011), “Transnational lifestyles as a new form of cosmopolitan social identification? Latin American women in German urban spaces”, in *Ethnic and Racial Studies*, 34: 3, 471-489.

INE, INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2001), *XIV Recenseamento Geral da População*.

LEFEBVRE, Henri (1974), *La production de l'espace*, Paris, Ed. Anthropos.

– (1991), *O direito à cidade*, São Paulo, Ed. Moraes.

LIN, Jan (2011), *The power of urban ethnic places: cultural heritage and community life*, NY, Routledge.

MALHEIROS, Jorge Macaísta (1996), *Imigrantes na Região de Lisboa: Os Anos da Mudança*, Lisboa, Edições Colibri.

MAPRIL, José (2010), “Banglapara: imigração, negócios e (in)formalidades em Lisboa”, in *Etnográfica*, 14 (2), 243-263.

MENEZES, Marluci (2003), *Mouraria: entre o mito da Severa e o Martim Moniz. Estudo antropológico sobre o campo de significações imaginárias de um bairro típico de Lisboa*, Lisboa, LNEC.

– (2009), “A praça do Martim Moniz: etnografando lógicas socioculturais de inscrição da praça no mapa social de Lisboa”, in *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, nº 32, 301-328.

MURDIE, Robert & GHOSH, Sutama (2010), “Does Spatial Concentration Always Mean a Lack of Integration? Exploring Ethnic Concentration and Integration in Toronto”, in *Journal of Ethnic and Migration Studies*, Vol. 36, nº 2, 293-311.

- PINSON, Daniel & BEKKAR, Rabia (1999), “Urban renewal, ethnicity and social exclusion in France”, in Abdul Khakee, Paola Somma & Huw Thomas (eds.), *Urban renewal, ethnicity and social exclusion in Europe*, England and USA, Ashgate Publishing, pp. 103-125.
- RAULIN, Anne (2000), *L'ethnique est quotidien: diasporas, marchés et cultures métropolitaines*, Paris, L'Harmattan.
- SANCHIS, Pierre (1985), *Arraial, festa de um povo: as romarias portuguesas*, Lisboa, Dom Quixote.
- STEINBERGER, Marília (1997), “Brasília et Jérusalem: lieux multiculturels dans un monde global”, in *Cybergeo: European Journal of Geography* [En ligne], Dossiers, *Colloque Les problèmes culturels des grandes villes*, 8-11 décembre 1997, document 67, mis en ligne le 08 décembre 1998. [Consult. em 11 de Dez. de 2011]. Disponível em: <http://cybergeo.revues.org/1008> ; DOI : 10.4000/cybergeo.1008.
- TIANO, Camille (2010), “Quelles valeurs pour revaloriser les territoires urbains ?”, in *Cybergeo: European Journal of Geography* [En ligne], Débats, *Les valeurs de la ville*, mis en ligne le 03 mai 2010. [Consult. em 11 de Dez. de 2011]. Disponível em: <http://cybergeo.revues.org/23091> ; DOI : 10.4000/cybergeo.23091.
- UPM, UNIDADE DE PROJECTO DA MOURARIA (2009), *Programa de Acção da Mouraria: As Cidades dentro da Cidade*, Unidade de Projecto da Mouraria, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa.
- (2010), *Documento de candidatura ao QREN Mouraria*.
- VERTOVEC, Steven (2007a), “Introduction: New directions in the anthropology of migration and Multiculturalism”, in *Ethnic and Racial Studies*, 30: 6, 961- 978.
- (2007b), “Super-diversity and its implications”, *Ethnic and Racial Studies*, 30: 6, 1024-1054.
- VERTOVEC, S. & WESSENDORF, S. (2004), *Migration and Cultural, Religious and Linguistic Diversity in Europe: An overview of issues and trends*, Oxford, Centre on Migration, Policy and Society [COMPAS], University of Oxford, International Migration, Integration and Social Cohesion (IMISCOE).
- ZUKIN, Saron (1995), *The cultures of cities*, Malden USA e Oxford, Blackwell Publishers.

ABSTRACT/RÉSUMÉ/RESUMEN

Abstract

Neighbourhood of Mouraria, territory of diversity: between tradition and cosmopolitanism

This text has as a basis a wider research that is still in course, which deals with cultures of conviviality and super diversity, its conceptual matrix lying on the theoretical proposals developed by P. Gilroy and S. Vertovec. Here we try to discuss some preliminary results obtained from the field research carried out in the Mouraria neighbourhood in Lisbon. Indeed, as Mouraria is located in the ancient part of the city of Lisbon, it seems to be progressively turning into an “urban ethnic place”, and it is worth emphasizing some disjunctions which will be analysed here and which have marked the speeches and the policies concerning this area: typical and historical neighbourhood versus cosmopolitan neighbourhood; exotic neighbourhood versus infamous neighbourhood; neighbourhood for immigrants/foreigners versus neighbourhood for autochthonous people. This contribution aims precisely at problematizing the main changes in course in this Lisbon neighbourhood and carry on with some research and interpretation lines which will contribute to a reflection about the processes of social construction of public images about Mouraria, which have led some of the practices and policies concerning the socio-territorial intervention in this neighbourhood.

Keywords: Super diversity; Neighbourhood of Mouraria; Conviviality; Multiculturalism.

Résumé

Bairro da Mouraria, territoire de diversité : entre tradition et cosmopolitisme

Ce texte s'appuie sur une recherche plus large, qui est encore en cours, dont le thème central est développé autour de la cohabitation des cultures et de la super-diversité, en fondant sa matrice conceptuelle sur les propositions théoriques développées par P. Gilroy et S. Vertovec. Il s'agit d'aborder ici certains résultats préliminaires de la recherche menée sur le terrain dans le quartier de la Mouraria à Lisbonne. La Mouraria, qui est l'un des plus anciens quartiers de la ville Lisbonne, devient de plus en plus un « *urban ethnic place* », où l'on observe des disjonctions qui seront analysées ici et qui marquent les discours et les politiques autour de ce territoire : quartier typique et historique *versus* quartier cosmopolite ; quartier exotique *versus* quartier

infâme ; quartier des immigrants et des étrangers *versus* quartier des autochtones. Cette contribution vise précisément à problématiser les principales transformations en cours dans ce quartier lisboète et à proposer quelques lignes de recherche et d'interprétation qui contribuent à une réflexion autour des processus de construction sociale d'images publiques sur la Mouraria, qui ont orienté certaines pratiques et politiques d'intervention socio-territoriale dans ce quartier.

Mots-clés: Super-diversité; Mouraria quartier; Cohabitation des cultures; Multiculturalisme.

Resumen

El Barrio de la Mouraria, territorio de diversidad: entre la tradición y el cosmopolitismo

Este texto se basa en un proyecto de investigación más amplio, todavía en curso, sobre las culturas de convivencia y la super-diversidad que se asientan en las propuestas teóricas desarrolladas por P. Gilroy y S. Vertovec. Se busca discutir algunos resultados preliminares derivados del trabajo de campo realizado en el barrio de la Mouraria, en Lisboa. La Mouraria, al localizarse en el casco antiguo de la ciudad de Lisboa, parece configurarse cada vez más como un lugar/espacio étnico-urbano, evidenciando algunas disyunciones que serán analizadas. Éstas han marcado los discursos y las políticas del territorio: el barrio típico e histórico *versus* el barrio cosmopolita, el barrio exótico *versus* el barrio de mal nombre, el barrio de los inmigrantes y extranjeros *versus* el barrio de los autóctonos. Este aporte pretende, justamente, problematizar las principales transformaciones en curso en dicho barrio lisboeta, y avanzar con algunas sugerencias de investigación e interpretación que contribuyan a una mejor reflexión sobre los procesos de construcción social de las imágenes públicas sobre la Mouraria, las que han orientado algunas prácticas y políticas de intervención sócio-territoriales en el barrio.

Palabras-clave: Super-diversidad; Barrio de la Mouraria; Culturas de convivência; Multiculturalismo.